

REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL, DE AUGUSTO BOAL: O RETRATO DA VIOLÊNCIA VIVENCIADA PELO OPERÁRIO JOSÉ DA SILVA

ESTELA PEREIRA DOS SANTOS

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil.

E-mail: psantosestela@gmail.com

Resumo

Revolução na América do Sul, de Augusto Boal (1986), é uma peça escrita em 1960 que apresenta o itinerário de José da Silva, homem do povo e proletário alienado, o qual procura uma solução para a fome que o devora. Enquanto José da Silva procura meios de suprir suas necessidades, a trama da peça representa interesses e jogos políticos, a falta de condições básicas de vida daqueles que são operários, a exploração que sofre o trabalhador e a corrida entre a inflação e o salário mínimo. O cotidiano vivenciado pelo protagonista é marcado por aquilo que Slavoj Žižek (2014), em *Violência: seis reflexões laterais*, denomina de violência objetiva. Este artigo tem como objetivo estudar a violência objetiva vivenciada cotidianamente por José da Silva, de modo a discutir como esse operário é explorado e tem direitos básicos negados.

Palavras-chave

Revolução na América do Sul. Augusto Boal. Violência objetiva.

INTRODUÇÃO

Augusto Pinto Boal foi um importante diretor e teórico do teatro, além de ator. Boal formulou teorias a respeito de seu trabalho e escreveu sobre suas práticas, o que contribuiu para que ele se tornasse uma referência do teatro brasileiro. É muito conhecido por seu trabalho no Teatro de Arena, o qual será comentado a seguir, e pelo Teatro do Oprimido, sua estética teatral.

O dramaturgo foi uma das principais lideranças do Teatro de Arena de São Paulo nos anos 1960. Fundado em 1950, esse teatro foi o mais ativo disseminador da dramaturgia nacional, que dominou os palcos nos anos 1960. Foi capaz de ser referência no que diz respeito a uma comunidade de artistas comprometidos com o teatro político e social. A fundação do Teatro de Arena se deu especificamente em 1953, a partir da estreia de *Esta noite é nossa*, de Stafford Dickens, nos salões do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC).

O Teatro de Arena, até o ano de 1956, experimentou inúmeros gêneros de texto na busca de um repertório e uma estética próprios, o que foi conquistado com a fusão com o Teatro Paulista dos Estudantes e, também, com a contratação de Augusto Boal para ministrar aulas sobre as ideias de Stanislavski ao elenco e encenar a peça *Ratos e homens*. A presença do dramaturgo, que acabara de voltar de um curso de dramaturgia em Nova York, e a proliferação de seus conhecimentos conduziram o grupo de artistas a um posicionamento político de esquerda. Além de Boal, faz-se importante mencionar, também se juntaram ao Arena, nesse período, nomes como: Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho, Milton Gonçalves, Vera Gertel, Flávio Migliaccio, Floramy Pinheiro e Riva Nimitiz.

O Arena passou por muitos momentos, tanto de sucesso quanto de crises financeira e ideológica. Em um de seus momentos mais críticos, foi salvo pelo sucesso de *Eles não usam black-tie*, de Guarnieri, dirigida por José Renato, em 1958. A partir de então, o grupo passou a pensar em abrir o palco para textos nacionais, os quais colocavam em cena os problemas cotidianos da sociedade brasileira, que muito provavelmente a plateia gostaria de vê-los sendo retratados. Desse modo, decide-se criar um Seminário de Dramaturgia Brasileira e laboratórios de interpretação, nos quais os textos receberiam melhores estilos de interpretações que atenderiam, o mais próprio possível, aos padrões brasileiros e, sobretudo, populares. A partir disso, entre os anos de 1958 e 1960, o Teatro de Arena deu vida a um expressivo movimento de nacionalização em

seu palco. Houve uma maior difusão de diversos textos escritos pelos integrantes da companhia, os quais apontavam para uma politização da discussão da realidade nacional.

É nesse contexto mencionado que, pela primeira vez, é encenada a peça *Revolução na América do Sul*, escrita por Augusto Boal e dirigida por José Renato. A peça eleva Boal ao posto de um dos melhores dramaturgos do período, um grande nome a representar o panorama nacional e político brasileiro. O texto, apesar de ser dono de cenas muito realistas, não apelava para uma comoção do público, ao contrário, aproximava-se das técnicas utilizadas por Bertolt Brecht, isto é, o espectador conservava-se intelectualmente ativo diante o espetáculo, capaz de assumir uma postura crítica acerca daquilo que lhe é mostrado.

A peça *Revolução na América do Sul* é considerada por Iná Camargo Costa (1996) o primeiro exemplar do teatro épico brasileiro, além de marcar também o aprofundamento da perspectiva nacionalista, que caracterizou o Teatro de Arena desde *Eles não usam black-tie*. Na peça de Augusto Boal, é apresentado o itinerário de José da Silva, um homem do povo, operário e alienado. De modo fragmentado, o texto da peça, em 15 cenas, apresenta-nos esse protagonista procurando soluções para saciar a sua fome e, também, a de sua grande família. Esse homem tenta de tudo, desde pedir um aumento, o que causa consequências drásticas, até apelar para os deputados, em pleno período de eleições.

O nome da peça por si só é uma ironia, pois não acontece revolução verdadeira ao longo da trama. Fala-se no desejo de revolucionar, mas José da Silva e seus companheiros nunca se conscientizaram efetivamente do significado de uma revolução política. José da Silva é um operário alienado, que acredita que o patrão tem o direito de aumentar sua carga horária, de modo abusivo, para que ele consiga ganhar dinheiro suficiente para comer; acredita que, ao ir a um plenário, os deputados lhe darão emprego e comida, pouco sabe sobre os conchavos políticos, os interesses por trás de cada ação dos deputados quando eles se dispõem a ajudar um operário. Sendo assim, não há revolução nenhuma, e essa não revolução é um meio de apresentar um lúcido retrato do Brasil no que se refere às questões políticas e sociais.

Estão presentes na peça inúmeros personagens, os quais configuram uma espécie de mapeamento humano: de um lado, os operários, esfarrapados, o povo (espécie de coro), prostitutas e revolucionários; de outro, políticos, jornalista, patrão dos operários, madame, comerciantes, anjo da guarda, líderes

políticos, nominados de acordo com suas características físicas e milionário. Todos mergulhados em um jogo de interesses políticos, permeado pela fome e pela exploração daqueles que são menos favorecidos, tais como José da Silva, foco deste estudo, Zequinha, demais operários e o povo de modo geral. Devido à multiplicidade de personagens existentes na peça, é difícil que se trabalhe com todos em um parco espaço, no entanto, vale mencionar que muitos dos personagens serão comentados mais detalhadamente ao longo deste estudo, mas o foco cairá sobre José da Silva, operário alienado e faminto, que perde seu emprego porque pediu aumento.

Boal, com essa peça de forte cunho social, representa o absurdo no qual se encontra um brasileiro pertencente à classe trabalhadora representada por José da Silva, que trabalha diariamente para ter ao menos os direitos básicos que todos os cidadãos devem possuir, sobretudo o direito ao alimento de cada dia. Muitos elementos da peça, os quais, mais adiante, serão comentados mais detalhadamente, corroboram uma brutal representação de um retrato do Brasil, que é violento para aqueles que são operários. Por meio da saga de José da Silva em busca de saciar sua fome, a peça também acaba por desmontar o processo eleitoral no Brasil e apresenta o fundo demagógico dos discursos políticos, bem como os jogos de interesses daqueles que estão no poder e desejam nele continuar, permeados por acordos e extorsões.

Ainda em relação às questões políticas de *Revolução na América do Sul*, segundo Iná Camargo Costa (1996), Augusto Boal almejou com seu personagem José da Silva colocar em cena a contrarrevolução que estava em processo no início dos anos 1960, no Brasil, assim como a condição de espectador do povo brasileiro diante de tal processo, isto é, a sua desorganização de classe perante os fatos políticos.

Além disso, vale mencionar, a peça não apresenta personagens positivos, pois, como o próprio Boal (1986, p. 25) defende, isso não é necessário na peça, uma vez que ele quis “apenas fotografar o desastre”, de modo a soar como uma espécie de advertência. A peça é, também, permeada por ironias e absurdos, elementos que contribuem para um retrato da exploração do operário, feita por patrões e também por políticos.

Questões como a exploração do trabalhador, a fome, a ironia, o absurdo nas linhas e entrelinhas da peça, o processo eleitoral, a suposta revolução e as canções existentes na peça serão comentadas a seguir, de modo a evidenciar como o operário José da Silva, bem como a classe operária num todo, vivencia

cotidianamente, como algo comum, o que o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2014) chama de violência objetiva.

A VIOLÊNCIA OBJETIVA POSTULADA POR SLAVOJ ŽIŽEK

O filósofo e psicanalista Slavoj Žižek trabalhou durante alguns anos no âmbito da sociologia. O pensamento desse estudioso abrange áreas como a filosofia, a política, a economia, a psicanálise, a sociologia, a literatura, o cinema e o teatro, mostrando aos seus leitores que, no mundo contemporâneo, para arriscarmos uma interpretação da sociedade em que vivemos é necessário evocar as suas dimensões políticas, históricas, sociais e culturais. Em função de seu pensamento versátil, por vezes é dificultoso acompanhar as discussões postuladas em suas obras, artigos e entrevistas.

Bazzanela (2009) acredita que Žižek, devido à sua trajetória acadêmica, apresenta uma visão muito crítica e original acerca do mundo e, sobretudo, da contemporaneidade. A respeito disso, pontua:

Uma contemporaneidade cética em relação aos projetos societários de igualdade, ou, de liberdade, confiante na possibilidade da ciência, nos possíveis progressos proporcionados pela tecnologia, mas também perplexa diante dos efeitos colaterais das mesmas e em alguns casos em seus efeitos indesejáveis. Contemporaneidade marcada pela fragmentação nas visões de mundo, por ações terroristas imprevisíveis, por inimigos invisíveis, antigas e novas bactérias, vírus que corroem sistemas imunológicos físicos, ou, virtuais (BAZZANELA, 2009, p. 16).

Elizabeth Guerra (2009) chama a atenção para o que o filósofo denomina de “a mancha da violência”, isto é, a discussão existente em obras do filósofo esloveno, sobre a relação entre o poder e a violência – discutida por pensadores como Hannah Arendt e Giorgio Agamben – e também acerca dos direitos humanos.

Segundo Guerra (2009, p. 45), seguindo os pressupostos de Slavoj Žižek no que concerne à violência, temos uma dupla tarefa, que é “desenvolver uma teoria da violência como algo que não possa ser instrumentalizado por meio de um agente político” e propor a questão da revolução “civilizada”, ou seja, transformar o processo revolucionário em uma força “civilizada”.

Em *Violência: seis reflexões laterais*, Slavoj Žižek (2014) desenvolve sua teoria da violência. Nessa obra, o filósofo aponta que a violência se manifesta de três formas: simbólica, que se evidencia pela linguagem e pelas formas desta; subjetiva, que se limita à violência física e direta, a qual é mais visível aos nossos olhos; e objetiva, que mais nos interessa para este estudo e que será discutida a seguir.

A violência objetiva consiste nas consequências, em grande parte catastróficas, do funcionamento dos sistemas político e econômico de uma determinada cidade ou país. Essa violência é, portanto, “invisível, uma vez que ela sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento” (ŽIŽEK, 2014, p. 18).

Essa violência objetiva é denominada ainda de “violência sistêmica”, que corresponde à “violência inerente a um sistema: não só da violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência” (ŽIŽEK, 2014, p. 24). Historicizando essa noção de violência, é importante dizer que ela assumiu sua forma a partir do capitalismo, de seu desenvolvimento e suas catástrofes. Segundo Žižek (2014, p. 26),

É aí que reside a violência sistêmica fundamental do capitalismo, muito mais estranhamente inquietante do que qualquer forma pré-capitalista direta da violência social e ideológica: essa violência não pode ser atribuída a indivíduos concretos e às suas “más” intenções, mas é puramente “objetiva”, sistêmica, anônima.

Em seu livro *Vivendo no fim dos tempos*, publicado em 2012 no Brasil, Žižek já apontara que é importante entender a diferença entre poder e violência, e chama a atenção, ainda, para os motivos do emprego da violência, bem como para o funcionamento do controle por meio dela. Segundo o filósofo, quando um governo, pessoa ou grupo precisa fazer uso da violência recorrentemente, é porque percebe que seu poder está fraco; a violência, nesse caso, é uma ferramenta de dominação de alguém ou de uma população.

Na seção a seguir, um estudo acerca da violência objetiva que permeia todo o cotidiano de José da Silva, que vai desde o início da peça até sua última cena, será feito, de modo a evidenciar como sua vida é marcada pela exploração e pela falta de direitos básicos (como o direito ao trabalho, à saúde e ao alimento), aos quais todo ser humano deveria ter acesso.

A VIOLÊNCIA OBJETIVA NO COTIDIANO DO OPERÁRIO JOSÉ DA SILVA

Revolução na América do Sul começa com os personagens Zequinha e José da Silva conversando. Zequinha afirma que eles trabalham feito burros de carga durante todo o dia e comem pouco na hora do almoço, sempre a mesma gororoba, arroz com feijão. José, por sua vez, diz que o amigo vive se queixando, o que dá a ele um caráter de sujeito acomodado. Zequinha propõe aí uma revolução, mas a ideia por poucos momentos é esquecida quando se fala em uma possível sobremesa na marmita de Zequinha, o qual nem mesmo sabia o que era uma sobremesa. José, inclusive, chega a pagar algumas moedas para poder apenas cheirar a sobremesa. Nesse momento, temos uma forma de expor o absurdo da situação do operário, que nunca viu e nem mesmo sabe o que é uma sobremesa, por comer somente arroz e feijão.

Logo em seguida, surge a mulher de José da Silva, exigindo que ele peça aumento de salário ao patrão e que não coloque os pés em casa antes que esse aumento seja concedido. Ela alega que eles têm de pagar a escola do filho. José da Silva menciona que não são milionários e questiona o porquê de pôr o filho na escola. José, de acordo com o que é apresentado no texto da peça, acredita que não é necessário que seu filho estude, além de ter em mente que escola paga (escola particular) é apenas para gente milionária, pois ele nem mesmo consegue comer direito com o que ganha. A mulher também menciona que precisam comprar chupeta para o menino que nasceu no dia anterior; José rebate dizendo que isso é anti-higiênico. Também fala que a criança vai morrer de fome; aponta para o seio da mulher e pede que ela amamente a criança, mas a esposa defende que sem o marido comprar uma malzбир não tem leite. Por fim, José da Silva pede por seu almoço e sua mulher diz: “Não é milionário pra pôr nosso filho na escola, mas é milionário para comer todo santo dia! Vai pedir aumento!” (BOAL, 1986, p. 33). Comer todo dia, nesse caso, é posto como uma espécie de artigo de luxo, ao qual apenas têm acesso, se assim podemos dizer, aqueles que são milionários. Operários, ou seja, aqueles que são pobres, não têm direito a comer todos os dias.

José da Silva, sem um leque de escolhas diante de si, resolve pedir um aumento para o patrão. Mas antes, em conversa com Zequinha, comenta: “Primeiro vou contar a minha miséria. Se ele disser que não, aí eu ameaço!” (BOAL, 1986, p. 33), e depois disso vai às ruas para a revolução, com faca,

pau e navalha, pois já foi explorado a vida inteira. No entanto, o operário não tem coragem diante do patrão: quando vai falar com ele, abaixa a cabeça e seu tom é de homem submisso; sua postura é desmontada diante da cara de mau do patrão. A conversa de José da Silva com o patrão gira em torno do aumento, um aumentozinho, segundo o operário que menciona ao patrão que não é exigente: “Vá lá que eu não almoço todo santo dia, também não sou exigente, mas pelo menos de vez em quando” (BOAL, 1986, p. 33). Com aumento, José declara que poderá “comer melhor e trabalhar mais [...]” (BOAL, 1986, p. 33) para o patrão, e, sendo assim, quem sai no lucro é o próprio patrão que poderia, então, “comprar mais um cadillac, sedan de quatro portas, o que aliás é muito justo” (BOAL, 1986, p. 33-34).

José é segurado pelo fundilho e colocado para fora da sala do patrão por dois homens. Isso faz com que, nele, seja despertada uma revolta, um desejo de fazer revolução, mas que é esquecida quando, novamente, vem à tona o assunto da sobremesa. Com isso tudo, o pedido de aumento e as posturas e falas de José da Silva, é possível observar o seu papel de operário submisso e grandemente explorado pelo patrão, e ele aceita essa condição sem grandes questionamentos, pois tem como característica principal o fato de ser um trabalhador alienado. Aqui já se configura o primeiro momento em que é apresentada a violência objetiva vivenciada recorrentemente por José da Silva, pois ele é explorado e dominado por seu patrão, está sujeito aos mandos e desmandos deste. O operário quer um aumento, mas defende que, com o aumento, ele poderá comer melhor e trabalhar mais ainda para o seu patrão. José não enxerga, de fato, o quanto é explorado por seu patrão, que pouco se importa com o funcionário. José da Silva passa fome, come raras vezes, tem muitos filhos para criar e não é saudável. É mais um fruto do sistema capitalista, no qual os trabalhadores cada vez trabalham mais e menos têm tempo livre, saúde e acesso aos direitos básicos efetivamente.

Outro momento em que a violência objetiva é bastante evidente é quando José tenta comprar alimentos com um feirante. Após um aumento de salário mínimo dado aos trabalhadores pelo governo, José resolve comer algo melhor e vai comprar mercadorias em uma barraca. Durante muito tempo em sua vida, José disse que só comeu pão e laranja. O feirante, quando o viu, já sabia que alimentos o operário pediria. No entanto, no dia em que recebeu aumento, José queria “filé minhão” (BOAL, 1986, p. 37), ou filé de alcatra, mas os preços das mercadorias também subiram, em função de uma inflação monstruosa e abusiva que crescia a cada cinco minutos. José não consegue comprar nem

um osso, nem verduras. Acaba por comprar capim para seus 11 filhos e, para ele, apenas um limão.

A inflação é explicada de forma também absurda: o salário subiu e, desse modo, os preços dos produtos aumentaram porque o frete subiu; o frete subiu porque o preço do pneu subiu; o preço do pneu subiu porque o patrão de José subiu o preço da borracha; o preço da borracha subiu porque José pediu aumento; José pediu aumento porque sua mulher mandou; a mulher mandou marido pedir aumento porque o filho que acabou de nascer está passando fome; por isso, a culpa do aumento de preços de tudo é do menino que acabou de nascer. Após chegar a essa conclusão, José chama seu filho de safado e comenta que ele “Mal acabou de nascer e já está desorganizando as finanças do país” (BOAL, 1986, p. 40) e diz, ainda, que tudo está errado por conta do filho, mas que lhe dará uma surra quando chegar em casa.

Um garoto recém-nascido é culpado pelos problemas financeiros do país. Em momento nenhum é mencionado que possivelmente a culpa seja dos governantes do país, graças ao mau funcionamento dos sistemas político e econômico, o que caracteriza mais uma manifestação de violência objetiva na vida de José da Silva. Essa cena, mais uma vez, mostra o quanto José é alienado. Em certa altura, ele e o feirante passam a discutir sobre a questão e defendem que o governo deveria baixar um decreto para que as crianças sejam proibidas de chorar quando houver fome. Aqui, mais uma vez, é evidente que não há preocupação em combater os problemas da sociedade pela raiz, mas sim podá-los de certa maneira, sem se preocupar com os resultados catastróficos disso. Esse processo é tido como algo comum, pertencente à normalidade cotidiana, sem que haja indignação por parte dos personagens, o que mais uma vez marca a falta de politização destes.

José da Silva volta para casa a pé, porque até o preço da condução aumentou, o que de acordo com o feirante é bom: “Andar a pé é um exercício tão bom como nadar. Você faz muito bem: vai todo dia a pé pra Vila Mazei. Acorda duas horas mais cedo e vem respirando o ar da madrugada” (BOAL, 1986, p. 41). Salienta, ainda, que vida cara tem lá as suas vantagens: “Aumentando o preço da condução nós teremos um povo sadio, de faces rosadas, um povo que faz ginástica pra poder viver!” (BOAL, 1986, p. 41). O que o feirante não entende é que, para José da Silva acordar duas horas mais cedo, ele terá de acordar “duas horas antes de ir dormir” (BOAL, 1986, p. 41). José quase não dorme, trabalha muito, come pouco e dorme pouco, o que o deixa com um aspecto de farrapo humano. Lembrando que, ao trabalhar muito e ter de ir

para o trabalho a pé, o tempo de José, que já era mínimo, torna-se nulo, o que caracteriza mais uma violência objetiva vivida pelo personagem.

José da Silva acaba por ser demitido. O chefe alega não poder mais pagar seu salário. Então, a saga do operário passa a ser dupla: vive em busca de saciar a sua fome e a de seus filhos, e passa parte do tempo em busca de um emprego, porque ele não pode morrer, argumenta que até morrer está caro, prefere trabalhar. Inocente, José busca ajuda dos deputados, quando já está sem comer há 15 dias, com uma dor insuportável na barriga. Pedem para que José, já que é eleitor, volte mais próximo das eleições, no dia três de outubro, ou seja, uma troca: voto por emprego.

Certa vez, Zequinha, José e outros sujeitos decidem fazer uma revolução em um lugar que se assemelha com uma boate, em função de estarem revoltados com a falta de emprego e a insistência da fome em seus estômagos. A polícia aparece, todos fogem, mas José fica e acaba sendo preso, o que, para ele, não era uma má ideia. Na cadeia, José da Silva teria um local para dormir e se alimentaria regularmente, portanto a cadeia era a sua salvação: um modo de não morrer de fome e de comer de graça.

Como era de se esperar, por ironia ou não do destino, a penitenciária está lotada e o orçamento de sua cozinha está por estourar. Sendo assim, José da Silva é solto; um policial alega falta de provas; José da Silva argumenta de diversos modos para parecer um homem perigoso, mas nada adiantou. É nesse momento que José da Silva e o coro entram com a canção que questiona o que será do operário, sua liberdade não mata a sua fome e nem lhe dá emprego: “No xadrez não me quiseram/Passa fome lá pra fora/Se estou livre estou faminto/Com a barriga dando hora/Sem comida a liberdade,/É mentira, não é verdade” (BOAL, 1986, p. 64).

Essa cena de José na penitenciária também pode ser caracterizada como mais uma manifestação de violência objetiva na vida desse homem, uma vez que ele se priva da liberdade para ter direito ao alimento. Prefere ser um presidiário a ser um homem livre passando fome. Todo o ambiente hostil que vivencia não lhe dá muitas opções positivas, pois não tem emprego, não tem o que comer e não tem o que dar de comer à sua mulher e aos filhos.

Outras questões apresentadas na peça importantes de serem mencionadas e que influenciam diretamente a vida de José da Silva e também a vida de tantos outros operários é a época de eleições e as posturas dos candidatos. Até Zequinha, amigo de José da Silva, entra na disputa das eleições, em meio a um coro de candidatos assumidamente corruptos, mas que levam o povo na lábria

tão bem treinada. Evidentemente, Zequinha também se afunda no mar da corrupção. A questão é que todos querem o voto de José da Silva, o qual se apresenta dentro da peça como uma alegoria do povo eleitor em um todo, sobretudo nesse momento decisivo da peça. Durante muito tempo, José da Silva foi deixado de lado e, por estar desempregado, sem dinheiro algum no bolso, passou fome e foi ignorado por todos, visto como aquele que só pensava em comer, no entanto isso tem fim quando as eleições se aproximam.

Quando José da Silva já não tinha as menores condições físicas para se aguentar em pé, estava só em pele e osso porque não comia mais, acredita que sua morte está para chegar e decide morrer em um canto afastado, porque também não havia dinheiro para seu enterro. Sua mulher o acompanha, chora um pouco porque julga ser preciso, como se fosse uma tarefa a ser cumprida e depois segue sua vida. No entanto, José da Silva, chamado de “povo”, é procurado pelo personagem Líder, porque ele precisava do povo para se eleger; aqui o operário é uma alegoria da população eleitora. Para que José da Silva aguentasse ir votar, o Líder lhe dá uma banana e promete parte de seu dinheiro (que fora roubado da população ao longo de seu governo) e para os filhos de José, os quais já votam, ele oferece casa, comida e emprego público, ou seja, de modo aparente boa parte dos problemas de José da Silva serão resolvidos, era como se as eleições tirassem todos da miséria.

Logo em seguida, a mulher de José da Silva volta dizendo que ele não precisa mais morrer, pois ela tem soluções: Zequinha ajudará o povo, porque é um homem honesto, nunca foi ladrão. Em seguida, vários candidatos se apresentam, todos cobiçando o voto de José da Silva para serem eleitos, oferecendo-lhe melhores condições de vida. Em meio ao alvoroço de candidatos pedindo voto, surge o coro do povo, o qual canta: “Eu preciso escolher um nome/que mata melhor a fome” – a eleição passa, então, a ser uma possibilidade de melhoria de vida, na qual a fome não se faça presente todos os dias.

José vota e sua mulher também, cumpriram seu dever sagrado e sonham com uma vida melhor. Tentam votar conscientemente, querem o melhor político, com melhores plataformas e ideias políticas, mas todas parecem tão iguais que se confundem. Em função das eleições, José da Silva vai almoçar, chama o jornalista para noticiar o fato extraordinário, e este menciona: “Já se ouviu falar em mulher de duas cabeças, em homem de quatro patas, mas homem do povo que almoça, isto é completamente inverossímil” (BOAL, 1986, p. 112) e prossegue “O homem do povo também vai comer uma sobremesa. Graças às eleições!” (BOAL, 1986, p. 113). Na primeira colherada, José da Silva morre,

morre de barriga vazia. O jornalista pede que se interrompam as eleições porque, nesse momento, não importa mais quem vai ganhar, pois não há mais quem governar, uma vez que José faleceu. Sem José não há eleição, menciona o jornalista, não há governante sem governado, pois, como é evidente, o operário representava o povo de modo alegórico na peça. Em seguida, os políticos pensam em quem podem explorar agora que José da Silva morreu, enxergam um coveiro, perguntam-se se ele é operário, o próximo a ser roubado e, desse modo, esquecem-se do operário que morreu.

José da Silva morreu tanto em função da falta de alimentação quanto pela precária saúde que tinha. Foi explorado a vida inteira enquanto foi operário e foi lembrado pelos governantes somente quando estes necessitavam de seu voto para serem eleitos. Os direitos básicos aos quais José da Silva devia ter acesso sempre foram negados. Os governantes nunca deram valor ao trabalho e à vida do operário. José da Silva sempre foi um homem explorado que viveu contando com a sorte para sobreviver. Portanto, vivenciou a violência objetiva (e sistêmica) como algo pertencente à normalidade do cotidiano brasileiro, sem grandes questionamentos e exigências de direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo central fazer um estudo acerca da peça *Revolução na América do Sul*, do dramaturgo Augusto Boal (1986), com foco no protagonista José da Silva, um operário alienado que vivenciou cotidianamente manifestações daquilo que o filósofo e psicanalista Slavoj Žižek, em *Violência: seis reflexões laterais* (2014), denomina de violência objetiva.

Fez-se necessária, primeiramente, uma breve contextualização acerca da vida, obra de Augusto Boal. Em seguida, antes de dar início ao estudo da peça, foi apresentado o conceito teórico que seria aplicado ao texto, isto é, o conceito teórico de violência objetiva postulado por Žižek. Só depois dessa apresentação, tanto do dramaturgo, da peça quanto da teoria sobre violência, realizou-se um estudo do texto da peça de Boal – menciono estudo da peça porque este artigo não se propôs a estudar a encenação desta.

A peça, como já mencionado anteriormente, apresenta o itinerário de um homem do povo e proletário José da Silva, o qual procura uma solução para a fome que o devora. Pede aumento para conseguir comer melhor e dar de comer

aos seus filhos e à mulher, mas em breve é demitido. Em seguida, em pleno ano eleitoral, apela para deputados, os representantes do povo, os quais só têm interesse em José da Silva e em sua família na medida em que eles possam elegê-los como governantes. Sendo assim, a peça representa, de modo geral, não só os interesses e jogos políticos, mas sobretudo a falta de condições básicas de vida daqueles que são operários, a exploração que sofre o trabalhador e a corrida entre a inflação e o salário mínimo.

José da Silva sempre foi explorado por seu patrão, o salário que ganhava mal dava para almoçar todos os dias. Por não ter condições de comer regularmente, o operário era doente. Os seus filhos mal se alimentavam também e não iam à escola; os políticos apenas queriam o seu voto e, futuramente, roubar dele toda renda que fosse possível. De acordo com o que o texto da peça sugere, José da Silva morreu de fome em plenas eleições. Ele era uma alegoria do povo, o qual é responsável por eleger os políticos. Sem o povo ir às urnas, não há governantes. A peça termina apresentando que tudo depende do operário e que ele é sempre o principal sujeito explorado pelos políticos e também pelos donos de empresas.

É possível concluir, portanto, que toda a vida de José é permeada pela violência objetiva, graças ao mau funcionamento dos sistemas político e econômico do país e à falta de interesse por parte de seus governantes em dar a ele ao menos os direitos básicos aos quais deveria ter acesso. Vivencia cotidianamente relações de exploração, mas acha isso natural, pois é alienado e não enxerga as relações de poder que o dominam. José trabalhou horas e horas por dia, ia para casa a pé para economizar dinheiro, acaba acordando muito cedo e, por isso, dormia poucas horas por dia, mas mesmo assim não conseguia comer todos os dias, seu salário não dava para comprar alimentos básicos para sua família. José acaba ficando doente porque não comia e por isso acaba morrendo. Sua morte, no entanto, logo é esquecida por parte dos políticos que tanto o procuraram, pois há outros possíveis eleitores que podem ser explorados.

Augusto Boal, com sua peça, corrobora a construção de um retrato da realidade do Brasil, sobretudo no que diz respeito à classe operária. As situações absurdas existentes na peça, tais como um operário que nem mesmo tinha ouvido falar em sobremesa e o bebê que havia acabado de nascer e já estava desestabilizando o país financeiramente, são hipérboles que figuram como espécie de lente de aumento da realidade. Os personagens são todos exageradamente caricaturais, o que acaba por corroborar uma acentuação da realidade

política e histórica em que estão inseridos os operários brasileiros. Boal defende o operário em sua peça. Parece tomar partido por aqueles operários que aceitam situações de exploração, que são alienados e aceitam como normais as manifestações de violência objetiva que existem em suas jornadas de trabalho.

A peça tem uma grande variedade de cenas, nas quais figuram diferentes sujeitos: políticos, operários, prostitutas, feirantes, *playboys*, cozeiro etc. Desse modo, a peça não se limita somente a um personagem preso a um problema específico, pois diferentes características da sociedade são colocadas, mas este artigo se limitou a discutir sobre a violência objetiva vivenciada pelo operário José da Silva. Augusto Boal, com sua peça, faz com que o espectador participe integralmente da experiência do homem deste século. O espectador se vê diante de uma crítica à sociedade na qual vive o homem moderno, por meio de exposições dos processos históricos, culturais e políticos pelos quais esse homem é atravessado.

***Revolução na América do Sul*, by Augusto Boal: the portrait of the violence experienced by the worker José da Silva**

Abstract

Revolução na América do Sul, by Augusto Boal (1986), is a play written in 1960 which presents José da Silva's itinerary, commoner and alienated proletarian, who seeks for a solution to hunger that devours him. While José da Silva seeks means to meet his needs, the plot of the play represents interests and political games, a lack of basic living conditions for those who are workers, the exploration that suffers the laborer and the race between inflation and minimum wage. The day by day experienced by the protagonist is marked by what Slavoj Žižek (2014), in *Violência: seis reflexões laterais*, denominates as objective violence. This paper aims to study the objective violence experienced daily by José da Silva, in order to discuss how this laborer is exploited and has basic rights denied.

Keywords

Revolução na América do Sul. Augusto Boal. Objective violence.

REFERÊNCIAS

- BAZZANELA, S. Os pressupostos da filosofia política de Slavoj Žižek. In: GUERRA, E.; TELES, I. (Org.). *Lacunas do real: leituras de Slavoj Žižek*. Florianópolis: Nefipo, 2009. p. 13-42.
- BOAL, A. Revolução na América do Sul. In: BOAL, A. *Teatro de Augusto Boal*. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 17-117.
- COSTA, I. C. *A hora do teatro épico no Brasil*. São Paulo: Graal, 1996.
- GUERRA, E. O. A questão dos direitos (in)humanos nas reflexões de Slavoj Žižek e Hannah Arendt. In: GUERRA, E.; TELES, I. (Org.). *Lacunas do real: leituras de Slavoj Žižek*. Florianópolis: Nefipo, 2009. p. 43-56.
- ŽIŽEK, S. *Vivendo no fim dos tempos*. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.
- ŽIŽEK, S. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

Recebido em 28-08-2017
Aprovado em 29-09-2017